ANNO I.
N. 9.

REVISTA FLUMINENSE

1869.
JANEIRO.

SEMANARIO NOTICIOSO, LITTERARIO, SCIENTIFICO, RECREATIVO, ETC., ETC., ETC.

PROPRIETARIO E UM DE SEUS REDACTORES

PEDRO ORSINI GRIMALDI PEREIRA DO LAGO.

ASSIGNATURA.
CÔRTE E NICTHEROY:
Por anno..... 12$000
Por semestre..... 6$000
Por trimestre..... 3$000

Não se recebem assignaturas por menos de 3 mezes, sendo estas pagas adiantadas, como é de costume. Os Srs. assignantes terão sempre direito a todos os numeros deste jornal, comprehendidos no trimestre, semestre ou anno de sua assignatura. Subscreve-se nesta typographia e nas principaes livrarias da côrte.

ASSIGNATURA.
PROVINCIAS:
Por anno..... 16$000
Por semestre..... 8$000
Por trimestre..... 4$000

BIBLIOTECA NACIONAL S.L.R.
3.58 4 57

Profissões Liberaes.

VII.

O Preceptor.

Nenhum dos seres animados tem mais necessidade de um guia seguro nos primeiros passos da vida do que o homem: é elle —a obra prima da creação— o que tactêa mais incerto pelo mundo aos primeiros annos de sua existencia. Ao desvelo da educação, ao amparo benefico de seus progenitores, e aos conselhos vivificantes dos seus preceptores, deve elle a aurora de seu porvir ou a felicidade de sua adolescencia, de sua virilidade e de sua velhice.

Os primeiros carinhos da vida são-lhe prodigalizados no regaço da maternidade; mais tarde desenvolve-se no pai a ternura com que affaga o estremecido fructo de seu amor; e por ultimo vem o preceptor completar a obra primorosa com que a sua bella entidade mimosêa a sociedade.

Sem que passe o individuo pelo cadinho purificador da pedagogia, em regra, não se tem completado a sua educação. Animados dos principios salutares que lhe são implantados no coração por meio da educação recebida do preceptor é que elle gosa na vida dos dulcores saborosos resultantes da constante pratica das boas acções, o que o eleva a seus proprios olhos acima de todos os seres creados.

D'aqui decorrem evidentemente as idéas de proficuidade, com que é considerada a instituição que analysamos, e de grandeza da obra que lhe cabe em partilha na repartição dos servicos moraes, que estão a cargo do complexo das profissões chamadas liberaes. Analysemos, porém, o que devemos encontrar em um tão nobre typo para que elle preencha a sua gloriosa missão.

Para nós temos que sem que elle seja prudente, morigerado, indulgentemente severo, instruido e sinceramente amante da verdadeira religião, jámais conseguirá a primasia na profissão a que se dedica. Senão vejamol-o.

No decurso da vida do homem o exemplo, e mormente quando vem de cima, é um espelho, que quasi por instincto elle tende a imitar. Esta verdade está na consciencia de todos, e cada dia vemol-a realisada na pratica da vida. Pois bem, em idade nenhuma tem mais influencia o exemplo do que na do verdor dos annos, na puericia e juventude, quando recebemos de envolta com os primeiros elementos da intelligencia a delicada seiva que nos faz nutrir no coração os bons sentimentos.

São, portanto, indispensaveis na pessoa do preceptor essas qualidades primordiaes d'alma, sem as quaes se não póde incutir no coração d'outrem as virtudes sociaes, que formão em cada typo singular um todo harmonioso e digno do Ser Supremo que o creou.

De facto, não é senão com uma aturada paciencia e esmerada prudencia que se consegue dirigir os espiritos juvenís na vereda luminosa da idéa e do coração. Para proval-o basta considerar os effeitos que decorrem necessariamente, pela natureza das cousas, da applicação das qualidades que podem contrastar com essas ao mister do que está incumbido o preceptor. A imprudencia e impaciencia da parte d'aquelles que nos dirigem, revoltão e precipitão-nos no espirito de contrariedade; isto sobe de ponto nos tempos primitivos da vida, n'aquelles em que existe na natureza do homem uma inteira expontaneidade revelada por todos os seus actos: se para impedir que se gerem nos animos juvenis

tão maus sentimentos, que serão por certo mais tarde os germens de grandes malles, faz-se preciso que haja da parte dos directores de sua educação um systema de prudencia e moderação sustentado com calma e persistente paciencia para que possão fazer calar-lhes a pouco e pouco nos animos a verdade em todas as suas faces.

Todavia cumpre não esquecer que a indulgente severidade, ou uma disposição constante para julgar com equidade e punir a tempo os actos do educando, é uma qualidade concomitante d'esse distincto typo. Com a pratica d'essa bella qualidade terá o preceptor alcançado inspirar o sublime amor da justiça, a primeira das virtudes sociaes.

A par de tudo isso deve ainda estar escripto em todos os seus actos o indelevel caracter de morigeração, isto é, elles devem ser constantemente filhos da moral, dos bons costumes e da civilidade; pois que o modelo dos seus actos para o menino está em grande parte na pessoa do seu preceptor.

E, finalmente, a instrucção solida nos ramos dos conhecimentos professados como requesito essencial do bello idéal d'este typo não carece de demonstração, é uma verdade axiomatica, assim como o culto que lhe cumpre manter pela verdadeira religião; releva, porém, notar quanto a este requesito, que, sendo da primeira idéa religiosa que dependem muitas vezes os demais sentimentos moraes e outras qualidades sociaes do homem, cumpre ao preceptor instruir com esmerado afan os seus educandos nas primeiras doutrinas religiosas, para que não se lhes imbuão no espirito preconceitos e erros, cujas consequencias funestas são ulteriormente inevitaveis.

Sobretudo, que se não compenetre o preceptor de que a sublimidade da sua profissão requer um estremecido amor de sua parte para com aquelles, cuja educação lhe é confiada.

Marche elle, pois, sempre avante, tendo diante dos olhos a aureola brilhante de seu nobre archetypo, e terá frequentemente o galardão de seus esforços, quando, sentado em sua singela mas invejavel cadeira do magisterio, vir passar alguns grupos das eminencias do paiz fazendo-lhe a devida venia, como a quem devem os primeiros elementos, já da instrucção, já dos nobres sentimentos que cultivão.

Que prazer mais deleitoso, que gloria mais esplendida podem haver no mundo?

Dr. M. J. Rodrigues.

Da autoridade dos Evangelhos

POR M. FRAYSSINOUS

Bispo de Hermopolis.

(Traduzido por L. M. Pecegueiro).

(Vid. o n. antecedente).

Finalmente, e é a terceira prova da authenticidade dos Evangelhos, ponto principal sobre esta materia: ou os Evangelhos sahírão realmente da mão dos apostolos de quem trazem os nomes, ou elles forão compostos por algum falsario que os publicou e fez receber sob o falso nome dos apostolos. Ora, esta ultima hypothese é inteiramente chimerica; porque a que época se pretenderia então fazer remontar esta impostura? Será porventura ao tempo dos apostolos, ou logo depois da sua morte? Escolha-o quem quizer. Pretender-se-ha mesmo que o seja durante a vida dos apostolos? E n'esse caso não terião elles reclamado contra o falsario? A fraude não teria sido descoberta logo depois de tramada? Um grito geral de indignação não a teria precipitado nas trevas? Pois que! Esses apostolos tão intrepidos pela gloria de seu mestre, que por sua doutrina arrostavão todos os perigos, os tormentos e a morte, terião guardado pusilanime silencio sobre uma impostura grosseira, que por si mesma cahia por simples negação! Tudo isso é absurdo.

Colloquemos pois a feitura dos Evangelhos depois da morte dos apostolos. Nós porêm já vimos que no tempo de S. Justino, pelo meiado do segundo seculo, era uso em todo o mundo christão ler os Evangelhos nas assembléas religiosas, uso que presuppõe que já muito antes elles erão conhecidos e reverenciados. Se forão pois imaginados por um falsario, devêra tel-o sido nos principios do segundo seculo. Mas os discipulos immediatos do apostolo S. João, e os discipulos dos outros apostolos ainda vivião n'essa época; as igrejas que elles tinhão formado, os bispos que havião deixado em seu lugar, os pagãos esclarecidos de todas as classes que elles tinhão convertido se achão espalhados por toda a parte.

E com que força não se terião elles levantado contra o impostor que houvesse pretendido imputar, acreditar com o nome dos apostolos, seus mestres e seus fundadores, livros de sua composição! Ter-se-lhe-hia dito: Nós vimos os apostolos, conhecemos suas acções e sua doutrina: nossas igrejas forão por elles fundadas; é indubitavel que tenhão deixado escriptos; mas por que privilegio serieis vós seu unico depositario? Onde estão as provas? Que é dos vossos titulos? Ide-vos; porque nós muito respeitamos esses homens divinos, a quem devemos a luz da fé, a felicidade de conhecermos Deus e a verdade, para que sob vossa palavra adoptemos, como sahidos de suas mãos, livros que nos são totalmente desconhecidos. Deste modo a impostura teria sido para logo repellida, e bem longe de sorprender a fé dos christãos, a vergonha de semelhante acto reflectiria sobre seus autores.

Não é que n'essas primeiras épocas não se tenha visto apparecerem falsos Evangelhos; e isto vai dar lugar a esclarecimentos que não servirão mais do que para espalhar um novo dia de verdade sobre a causa que defendemos. N'esses primeiros tempos alguns piedosos fieis, por uma louvavel dedicação, mas que poderia acarretar abusos, compraziño-se em compôr narrativas de tudo o que tinhão aprendido ácêrca de Jesus Christo e de seus apostolos, sua doutrina, seus discursos, suas acções e sua vida inteira. Esses escriptos, sem terem a autoridade dos apostolos, podião ser respeitaveis e merecerem ser citados com elogio; d'esse numero era, como nos diz Euzebio, * o Evangelho dos Hebreos: como tambem se crê que Santo Ignacio martyr o havia citado em uma de suas epistolas, não como livro deixado por um apostolo, mas como um livro piedoso.—E não vemos nós os nossos escriptores e oradores christãos citar pedaços mesmo de autores profanos, a exemplo de S. Paulo que citou aos pagãos de seu tempo algumas maximas dos poetas Aratus, Epiménides e Euripedes.—Alem d'estes livros, fructo de um zelo mui desvelado talvez, outros ha que forão dados á luz por novadores mal intencionados, e com o proposito de fazerem acreditar seus erros. Mas vio alguem que esses homens temerarios houvessem conseguido persuadir ás igrejas espalhadas nos diversos paizes da terra a receberem como vindos dos apostolos escriptos que não erão obra d'elles? Não, houve sempre falsarios, como sempre houve homens viciosos, mas sempre tambem houve regras de critica, como regras de virtude. Nas igrejas primitivas não ha nenhuma que tenha rejeitado um só dos nossos Evangelhos; entretanto que os falsos Evangelhos só têm obtido em seu favor alguns sectarios e seus partidarios. Os falsos Evangelhos, fructo do erro, da ignorancia, ou de uma piedade pouco esclarecida, cahião em olvido; jámais conseguirão fazel-os passar por verdadeiros; as igrejas fundadas pelos apostolos, seus pastores, seus doutores, repellirão esses livros com indignação e desprezo. O zelo que empenhárão essas igrejas em afastar os falsos Evangelhos nos é um seguro garante de que os que nos transmittirão como authenticos, o são com effeito; podemos tranquillamente descançar sobre o cuidado que ellas empregárão em fazer o seu discernimento: sua critica, santamente esclarecida e severa, foi como a joeira que deixa o grão bom e expelle a palha leve.

Resumindo: se busco uma época em que um falsario tivesse podido tentar com successo compôr os nossos Evangelhos, não a encontro; se indago os inimigos naturaes d'esses livros, acho-os favoraveis á sua antiguidade: se consulto as tradicções universaes das igrejas apostolicas, e os escriptores que apparecêrão desde a sua origem, o mesmo suffragio: logo a authenticidade dos nossos Evangelhos fica elevada ao mais alto gráo de certeza historica. Tome-se a obra que se quizer do seculo de Augusto, e ver-se-ha que sua authenticidade, ainda que ninguem o duvide, não está melhor apoiada que a dos nossos Evangelhos. Mas possuimol-os nós taes como sahirão das mãos dos apostolos? O que convem pensar de sua integridade?—Terceira e ultima questão.

(Continúa).

* Hist. eccles. liv. III, caps. XXV, XXII, etc.

Sciencias.

Redondeza da terra.—Antipodas.

(Vid, o n. 7.—Conclusão).

Estabeleçamos agora a hypothese de ser a terra plana, e vejamos as consequencias deduzidas d'ella, concernentes aos phenomenos celestes, as quaes não exprimindo estes phenomenos que observamos, indicarão o absurdo da hypothese. Pelo contrario, as consequencias tiradas da hy-

pothese da sphericidade da terra, sendo a expressão exacta d'aquelles phenomenos, demonstrão a realidade d'esta outra hypothese.

Supponhamos, pois, que a terra é plana, em direcção da linha norte-sul. Em qualquer ponto d'esta linha que um observador se achasse, as duas linhas representadas pelo raio visual dirigido ao pólo, e pela vertical offerecer-lhe-hião sempre o mesmo angulo, porque as verticaes do observador serião parallelas, se elle caminhasse n'uma superficie horisontal, e parallelos são os raios dirigidos ao pólo, attenta a infinita distancia d'este, como provaremos no artigo seguinte. Tambem os circulos, descriptos pelas estrellas, n'esta hypothese, conservarião constantemente a mesma inclinação sobre o horisonte, pelas mesmas razões; pois estando esses circulos a uma distancia infinita, os dois raios que a estrella nos envia quando occupa os dois pontos do meridiano superior e inferior, fórmão sempre o mesmo angulo. Mas nada d'isto é o que se observa.

A' medida que vamos caminhando para o norte, o pólo se vai elevando sobre o nosso horisonte, e tambem os circulos que as estrellas descrevem. Demais, avançando para o norte, observamos que estrellas, que no lugar de nossa partida mergulhavão no horisonte, agora se conservão sempre sobre elle: isto para o lado do norte. Para o lado do sul notamos, que se não vêem agora estrellas, que no lugar d'onde partimos ainda viamos descrever parte de suas orbitas sobre o nosso horisonte. Todos estes phenomenos são perfeitamente explicaveis na supposição da sphericidade da terra.

Outra ordem de observações astronomicas se tem feito para prevenir a objecção de que as observações precedentes só provão a redondeza da terra no sentido norte-sul, mas que podia ella não ser assim no sentido leste-oeste.

Observado de differentes lugares do globo um phenomeno celeste instantaneo, contão a mesma hora os habitantes do mesmo meridiano; mas os que têm meridianos diversos, contão mais ou menos horas, segundo estão mais para o oriente, ou mais para o occidente, uns a respeito dos outros. Isto importa a idéa de que o sol nasce mais cedo para os povos que habitão ao oriente, porque se nascesse ao mesmo tempo para todos, todos contarião a mesma hora na occasião do phenomeno celeste; e assim devia ser se ella não fôra curva de oriente para occidente, porque o sol principiaria ao mesmo tempo a allumiar todos os povos que habitão n'essa direcção. De tudo isto se infere a curvatura da terra de oriente para occidente.

Outro argumento da redondeza da terra é a grandeza dos dias e das noites nas regiões proximas dos pólos. A grandeza dos dias e das noites depende das relações que o horisonte guarda com os circulos descriptos pelo sol, e estas relações serião constantemente as mesmas, na hypothese da terra plana.

Finalmente nos eclipses de lua achamos uma confirmação de todos os argumentos que acabamos de adduzir. Em todas as posições possiveis a sombra projectada pela terra sobre o disco da lua, apresenta a fórma circular.

N'estas avaliações da sphericidade da terra podemos fazer abstracção das desigualdades de sua superficie. Ainda que á primeira vista parece que as grandes montanhas do globo destroem semelhante sphericidade, deve advertir-se, que o Dewalagire, que é a mais alta montanha que se conhece, e que se eleva oito mil metros acima do nivel dos mares, está para a grande massa do orbe terrestre, como uma elevação de meia linha para uma sphera de quatro pés de diametro. Diz Biot, que as desigualdades da casca de uma laranja são mais perceptiveis.

As difficuldades que temos de conceber sobre a sphericidade da terra, nascem da falsa idéa que temos do peso. Pergunta a ignorancia:—Como póde a terra, assim desamparada, sustentar-se no espaço sem cahir; e como póde haver antipodas, isto é, gente que anda lá por baixo da bola com os pés voltados para nós, á maneira d'uma aranha pelo tecto d'uma casa?— semelhante gente necessariamente havia separar-se da terra e cahir; razão tinhão Santo Agostinho e Lactancio Firmiano para não admittir a existencia de homens que andassem de cabeça para baixo. Mas note-se que ha na terra uma força incognita, cujos effeitos vemos e cujas leis calculamos: esta força, chamada gravidade, retêm tudo que se acha na superficie da terra, e attrahe para seu centro os corpos que estão proximos d'ella. A acção de cahir consiste, pois, em se dirigir para esta superficie ou para este centro. Não nos afflijamos com a quéda da gente que anda com os pés voltados para os nossos; se cahirem, será

para o lado da terra, porque aqui está a força que os attrahe, e a este acto de cahir elles chamarão, assim como nós chamamos, hir para baixo: os antipodas vêem, como nós, a terra debaixo de seus pés, e os astros gyrarem sobre suas cabeças. As mesmas duvidas que podemos ter ácerca dos antipodas, estes as podem conceber a nosso respeito. Demais, para tranquillisar seu pasmo, bastava virar os olhos para o céo e ver tantos globos suspensos nos espaços, sem perigo de cahirem.

Mas talvez fosse justo e prudente adoptar com Homero, para não cahirmos nos abysmos junctamente com a terra, que esta se sustenta sobre uma columnata guardada pelo gigante Atlas, ou perfilhar o sentimento dos antigos scandinavios, que a fazião descançar sobre nove pilares; ou opinar com os adoradores de Brama, que a punhão sobre o dorso de quatro elephantes, já se vê, de forças espantosas. Estes differentes pedestaes, columnata, pilares, elephantes, terião o condão de não cahir, com tanto que não deixassem cahir a terra.

J. Felix Pereira.

Perfil de Mulher.

Ignez.

Não se amofinem comnosco os modernos *perfilistas* do bello idéal femenino, si, continuando no nosso proposito, com o horrendo real *perfil* da mulher, nós a apresentámos tosca e simplesmente traçada como a temos visto e estudado.

Descancem, não é por certo um apódo que lhes fazemos com os nossos singelos e ligeiros *perfis*.

Somos apenas méros e infimos aprendizes da officina de Apelles; começámos a estudar as rectas e as curvas, o systema angular das fórmas capitaes, para podermos mais tarde com maestria delinear então um *perfil*.

Por ora, é arrojo nosso denominar de *perfis* nossas tirstes linhas, mal figuradas e pessimamente comprehendidas e executadas.

Não importa; — fazemos por copiar em lapis Medéa ou Dalilla; — elles retratão com finas côres Aurora ou Venus.

Os caminhos que tomámos são oppostos; não se amofinem, pois, porque jamais nos poderemos encontrar.

O *perfil* que vamos hoje ter a honra de apresentar aos nossos leitores é o de uma mulher que conhecemos e que muitas vezes vemos, mesmo pretendendo evita-la.

E porque fugimos d'ella?

Vós ides ver, leitores.

I.

Talvez tenhais visto, meus leitores, ao passar á noite pelo largo de S. Francisco de Paula um vulto que ahi se acha quasi sempre sentado nos degráos d'esse magestoso templo.

Pois bem, esse vulto não é nem mais nem menos do que o de uma mulher que hoje atravessa maquinalmente o tempo, como maquinalmente atravessa, para ahi chegar, as ruas que a separão da casa em que mora, á igreja de S. Francisco de Paula.

Essa mulher chama-se Ignez. Dirieis, se a conhecesseis, que ha na frequencia d'esse lugar, quasi todas as noites, algum mysterio em que ella se envolve, alguma mania ou loucura, alguma desgraça ou necessidade,

Podereis formar discriminadamente idéa de tudo isso a seu respeito, mas tereis feito um juizo seguro, si em vez de destacardes de seu todo essas partes integrantes que ella só representa, visseis englobadamente personificadas em Ignez — o mysterio, a loucura, e a necessidade.

E assm é: temos acompanhado sempre essa moça desde seus quinze annos, pouco mais ou menos, de idade, desde o tempo, como se costuma dizer, das calcinhas e do vestido curto, até o aristocratico e roçagante vestido de seda dos saráos e dos bailes; até o véo candido de escomilha e de filó comprimido pela grinalda de flores de larangeira; até o vestido de cassa e de chita do labor da casa; até, finalmente, á negra saia de estamenha e de sarja, e a classica e historica mantilha do seculo passado.

Ignez é tudo isso: — sua vida é um mysterio e uma loucura, uma desgraça e uma necessidade.

Lancemos um retrospectivo e rapido olhar para a vida d'esta mulher; e lancemos-lhe tambem uma imprecação, um riso de escarneo, ou um ai de compaixão pela triste situação em que hoje se vê.

II.

Ignez deve ter quando muito vinte e nove annos: seu rosto bello e gracioso outr'ora, mostra, hoje o caminho por onde desapiedada passou a mão da enfermidade e do infortunio.

Era um rosto angelico ; quantas e quantas vezes não admirei esse lindo semblante, esses roseos labios desprendendo um sorriso de intelligencia e de innocente malicia : esses grandes e negros olhos seduzindo e attrahindo com seus fulgurantes lampejos ! ?

Que reacção operou a natureza em seu rosto ; — que contraste entre essa belleza de outr'ora e essa horripilante fealdade de hoje !

Ignez foi casada, e rica—hoje é viuva e pobre.

E como se operou esta tão rapida transformação ?

Vejamos :

Casada e rica, Ignez bella, orgulhosa e imponente, mandava, não obedecia.

Inteiramente dedicada a ella, seu marido não achava, não se atrevia mesmo a achar uma frase, uma palavra que podesse ao menos de leve offender a sua susceptibilidade.

Ignez recrudescia em soberba, seus mesmos attractivos a arrastavão ao precipicio.

Não foi preciso muito tempo para Ignez esbanjar a bôa fortuna que havia recebido de seus pais, em theatros, bailes, carros e passeios.

Um objecto hoje, outro amanhã, outro mais tarde, ia desapparecendo de casa para satisfazer a esses immensos compromissos que a vaidade d'esta mulher sempre lhe exigia.

Assim em pouco tempo Ignez estava pobre.— Seu marido havia fallecido.

Por cumulo de infelicidade, uma enfermidade horrivel a lançou em um leito de dores.

Restabelecida á custo pela caridade e desvelo de alguns parentes, Ignez não soube ou não quiz reconhecer esses sacrificios.

Soberba tinha sido creada, soberba devia sempre ser.

Malquistou-se com todos ; quiz ainda luctar com a sorte, mas os caprichos d'esta a vencêrão, e ei-la ahi esmolando o obulo da caridade publica.

Julgais que ella reconhece o seu estado e se humilha e reconhece o castigo com que Deos a punio ?—Enganais-vos.

Fugitiva do trabalho, d'esse trabalho util que exalta e nobilita a mulher, Ignez prefere recordar-se na ociosidade do muito que possuio e do bem que gozou, do que sujeitar-se com o suor do seu rosto a haver o pão da necessidade.

Vós ahi a encontrareis quasi sempre ;— e pensais que, supplice, ella vos estende a mão, ou vos implora uma esmola ?

Ainda vos enganais.—Se vos aproximardes d'ella e lhe atirardes por commiseração alguns vintens, ella o receberá ; mas nem por isso vos agradecerá o beneficio, nem o recordará de que tal o fizestes.

Passareis para ella esquecidos e não vistos, como nós tambem desejamos esquece-la e jamais ve-la.

Persico.

Amor e Delirio.

Vai, delirio de minha alma,
Na tumba despedaçar-te,
Que na vida não hei calma
Com que alcance abrandar-te !
Vai buscar um novo asylo,
Que eu comtigo me anniquillo ;
Vai, procura a sepultura,
Enterra todas as dores
E tambem esta amargura
Que me dás em vez de amores !

Tens medo ?... Acaso receias
O pavor do cemiterio ?
Meu delirio, não, não creias,
Que a morte é triste mysterio.
A morte é meiga donzella
Mui alva, gentil e bella,
Que seduz e que arrebata ;
E traz sempre no sentido
Terminar a vida ingrata,
Que se exhala n'um gemido.

São seus olhos diva luz,
E nos labios brinca um riso
Que de tão doce seduz
A seguil-a ao paraiso ;
Tem a falla harmoniosa,
E', meu delirio, mimosa
Em todos os gestos seus ;
Tão modesta divindade
Que—sendo filha dos ceus—
A' terra vem por piedade.

E, aqui peregrinando,
Vai sobre os tristes mortaes
Um leve sopro lançando
Como termo de seus ais ;
Do palacio da nobreza
Desce á choça da pobreza ;
Mostrando sempre igualdade,

Leva o rei, leva o pastor,
E vai lá na eternidade
Depositál-os co'amor.

Oh ! que bella que é a morte !
Quão gentil, formosa e linda !
E se é triste a nossa sorte
Como é sempre ella bem vinda !
Com seu manto de candura
Junto á nossa sepultura
Cobre a alma co'affeição ;
Depois adeja contente
E á celeste mansão
Vai leval-a a Deos potente !

Vai, meu delirio, morrer
Nos braços da bella morte ;
Vai ao menos merecer
O que não a minha sorte ;
Abandona a minha mente,
Deixa-me a vida somente
Sem teus excessos de dor ;
Vai, delirio, que comtigo
Em breve irá meu amor,
Teu acerrimo inimigo !

.....

Mas tu não foges de mim ?
Na mente me não expiras ?
Queres primeiro dar fim
A' causa porque respiras ?
Oh ! abutre ! qu'impiedade !
Eu te conheço a vontade,
Delirio destruidor !
Tu queres ver inanido
O meu santo e puro amor,
Para eu ver-te succumbido !

Pois vive embora, tyranno !
Minha vida martyrisa !
Seja o meu soffrer insano,
Hei de amar sempre a Luiza !
Hei de por ella viver,
E por ella hei de soffrer
Até que a morte tenhamos
Feridos da mesma dor !
—Luiza ! se suffocamos
O delirio—vence amor !

Luiza ! se tens por mim
Um amor ardente e forte,
Busca ao delirio dar fim,
Que elle póde dar-te a morte !
A morte custa a soffrer,
Não tem, oh ! não tem prazer,
Como ha pouco descrevi !
E' falso ! oh ! sim ! é mentira !
Eu quero viver p'ra ti,
Que é por ti que a alma delira !

A morte nos leve embora
Aos seios da sepultura,
Mas, oh ! não ! não seja agora
Antes da nossa ventura !...
Soffremos a tyrannia
Da mais cruel agonia ;
Vençamos os embaraços,
Que eu quero (então que m'importa ?)
Ver-me morto nos teus braços,
Nos meus braços ver-te morta !

GRIMALDI.

Revista da semana.

A Côrte é um verdadeiro supplicio das danaides. E' o tonel que se enche e vasa periodica e monotonamente. E' o rochedo de Sysipho, rolando eternamente sobre a encosta ingreme do Tenaro.

Nunca ha novidades, e as poucas que se podem pilhar são sempre da meia-noite ou as apanhadas a gancho.

Só o marquez de Caxias é que teve o poder de tirar esta semana do marasmo em que ia, mandando-nos dizer que Lopes se achava cercado, e que não se rendia para ver seu nome na historia. Não tem máu gosto o gaiato; e é tão modesto que ainda acha *pouco* o que tem feito para que mereça tal gloria, que naturalmente ha de usofruil-a no fundo averno, se não tiver a dita de resurgir na Assumpção !

Mas a Côrte recebeu esta noticia, tão lisongeira para o Brasil, com os primeiros gritos do enthusiasmo, e depois... adormeceu, e nem se lembrou de deitar luminarias ! Nunca vi tanta indifferença !

Segundo me consta, mais fez a Imperial Cidade de Nictheroy, porque mostrou que tinha em si muita *essencia* de patriotismo *concentrada*, manifestando nos grandes dias da patria o grande enthusiasmo de seus habitantes. Ali as musas descêrão do Pindo, e presididas por Apollo, entoárão hymnos ao Deus dos Exercitos, e esfolhárão louros sobre a effigie do grande heroe marquez de Caxias. Viva, portanto, a Imperial Cidade de Nictheroy !

Emquanto a mim, ninguem me tira da cabeça que esta frieza é filha de alguma estripolia dos liberaes, que pretendem lançar no sarcophago do esquecimento o ultimo e tão heroico feito d'armas do nosso brioso exercito. No Brasil o diabo da politica mette-se em tudo!

Não pretendo ser indiscreto, mas como veio ápello os liberaes, direi em segredo aos meus leitores que elles descobrirão o segredo da pedra philosophal, pois passa como certo que todos os candidatos á deputação (do partido liberal, bem se entende) basearão os seus programmas nas reformas da guarda nacional, da lei de 3 de Dezembro, e da camara municipal (depois de empossados os vereadores conservadores)!

Não divulguem isto por ora, porque é segredo que apenas a mim descobrio um cavacudo politico, que póde tanto fazer o que diz, como não fazer o que promette, seguindo a regra invariavel, de todos mui conhecida.

E mudemos de tom antes que alguem acredite no que eu digo, porque

Les sots depuis Adam sont en majorité,

e facil é ficar eu compromettido espalhando-se esta nova pelos conservadores, que desde logo *verão perdida* a eleição.

***

Embatuquei aqui! Não sei o que mais deva dizer para dar conta de minha missão! Antes continuasse a fallar em politica, porque é justamente no mister que me occupo quando não tenho que fazer.

Mas eu encaro o dever tão religiosamente, que embora encontre com mil torpedos em meu caminho, hei de chegar ao fim a que me proponho. E se não, vejão.

***

Réponse à un article de la Revue des Deux Mondes, *sur la guerre du Brésil et du Paraguay* —intitula-se um folheto que se nos offereceu, publicado ultimamente pelo Sr. J. D. da Cruz Lima.

Este Sr., cioso—como é todo o brasileiro—das glorias de sua patria, tomando sobre si a tarefa de responder ás arguições menos exactas exaradas em um artigo de M. Elysée Reclus, sobre a guerra do Brasil e do Paraguay; succinta, mas escrupulosamente põe em relevo tudo quanto se ha dado em relação a este proposito, resalvando cuidadosamente a dignidade do Imperio em todo o seu procedimento.

Sendo o artigo controvertido da penna de tão habil escriptor, cujo nome está altamente collocado no mundo litterario, de merecidos louvores é digno o Sr. Cruz Lima, quando em sua resposta previne o espirito europeu em prol do Brasil, sem que para isso fosse mister apartar-se da verdade conhecida por tal.

Sendo o folheto publicado em francez puro e correcto, e quiçá destinado a ser mais lido na Europa que aqui, é da primeira intuição que elle vai tirar a venda dos olhos d'aquelles que, sem razão plausivel, abração as idéas de M. Elysée Reclus, tão desfavoraveis ao Brasil.

As virtudes patrioticas do autor estão patentes de sua resposta, pela qual lhe damos sinceramente os nossos emboras como brasileiro e amigo da verdade.

***

Bem quizera fugir de fallar na sociedade *Harmonia Familiar* antes de outra partida; mas não o posso fazer, e transcreverei aqui o que sobre ella nos enviou um amigo. Eis o que ha a tal respeito:

A sociedade de baile *Harmonia Familiar* procedeu á respectiva eleição para a nova directoria, constando-nos que correu ella pelo modo seguinte:

Presidente—L. J. C. Pereira do Lago Junior.
Vice-Presidente—Commendador José F. de Brito A. S. Menezes.
1.° Secretario—Guilherme Philipps.
2.° Secretario—Hermano Bittencourt.
Thesoureiro—Augusto de Azevedo Lemos.
Procurador—Augusto Luiz de Almeida.

Se assim é, damos os parabens á mesma sociedade pela acertada escolha de taes nomes, que garantem bem a continuação das noites aprasiveis que costuma dar aos moradores do Engenho Novo.

***

Protestei não me importar com theatros, para não me metter em camisa de onze varas. Sou muito exquisito em apreciações d'este genero. Se censurar este ou aquelle drama, ou elogiar Ismenias, Vasques e Furtados, dir-me-hão, no primeiro caso, que sou um zoilo e maldizente, ignaro e bruto; no segundo, que tenho pretenções pedantescas, ou cadeira de graça no Gymnasio e na Phenix. Callo-me portanto, e creio obrar com juizo uma vez,

ERRA-VAGANTE.

A explicação do enigma do n. antecedente é:—O COMMERCIO ENGRANDECE OS ESTADOS.

1869—Typ. de Quirino & Irmão, rua da Quitanda n. 27.